

Advento 2021/2022

marana' tha

Esta aclamação do novo testamento tornou-se a “banda sonora” do advento. Aparece lá a palavra assim mesmo, não traduzida, dita em aramaico, apesar de escrita em caracteres gregos. Dentro dela há um duplo significado muito vigoroso, porque pode escrever-se de duas maneiras diferentes, com dois significados distintos, mas ao ouvido soa igual.

A primeira forma, é uma súplica: marana' tha “Ó Senhor, vem!”

A segunda forma, é uma afirmação maran' atta “O Senhor vem!”

Na sintaxe aramaica, a primeira forma tem um vocativo muito suplicante e a segunda tem um reforçativo muito convicto: “vem, por favor!” e “é claro que vem!”. Uma oração e uma profissão de fé.

maran' atta

in Redentoristas, CSSR

A Eucaristia passo a passo (a)

A eucaristia: A santificação do espaço

Começamos hoje, etapa por etapa, a valorizar aspetos da celebração da eucaristia. A liturgia é uma consagração do espaço e do tempo; transfigura o espaço que habitamos em conjunto e o tempo que passamos juntos. Valorizamos, neste domingo, a dimensão do espaço litúrgico, este espaço pequeno e apertado da Capela do Rato, denso de história, de significado para gerações de crentes e para cada um(a) de nós. A capela de uma casa aristocrática torna-se o lugar onde uma comunidade cristã afirma a sua diferença na Cidade.

Diz-nos o Livro dos Atos dos Apóstolos que os discípulos estavam todos reunidos «no mesmo lugar» (At 2,1). É nessas circunstâncias que acontece a explosão de vento e de fogo (o Pentecostes) que enche a casa e os leva, como que inebriados, para fora. Também reunidos em oração no mesmo lugar invocamos do Espírito para que nos encha e nos envie para fora das nossas estreitas fronteiras.

Saímos do espaço pessoal/privado das nossas casas; atravessámos o espaço público das ruas, e aqui nos encontramos, juntos, num espaço comum. Esta espaço muda a nossas atitudes, convoca-nos a entrar numa outra dimensão. Em seu acolhimento, este espaço ordena-nos, coloca-nos em relação uns com os outros, reconfigura a nossa existência. Há uma cadeira que nos recebe, um altar central que nos envolve à sua volta, uma luz de cima que nos inunda e ilumina o rosto.

Este espaço comum é nosso, sem pertencer a ninguém; não somos donos deste espaço. Nele entramos e somos acolhidos. O espaço da Capela oferece-nos a sua hospitalidade, que acolhemos com gratidão, reverência e respeito. Contendo o nosso falar alto, pacificando o nosso ritmo acelerado. Deixemo-nos acolher por este espaço, reconheçamo-lo na sua unidade arquitetónica, na diversidade dos seus elementos decorativos. Fixemos ou passemos o nosso olhar pelas imagens, pelos quadros, pelos ângulos deste espaço. Tudo aqui nos convoca à celebração da eucaristia.

A eucaristia, celebração da redenção do tempo

Vivemos no tempo, continuamente em devir. Tudo passa e nós passamos também, porque o nosso tempo é finito e chegará ao seu termo. A Páscoa de Cristo é redenção do tempo (e da morte). Ressuscitado, eterno Vivente, pelo dom do seu Espírito vivificante, o Senhor introduz no tempo que passa o definitivo da vida (a vida eterna). Ele é o Alfa e o Ómega, o princípio e o fim, Aquele que é, que era e que há de vir (cf. 1,8). Ele é o mesmo, ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13,8). O Senhor é a plenitude do tempo.

A celebração da eucaristia introduz no provisório do tempo das nossas vidas a densidade da eternidade. Em cada domingo celebramos a memória da Páscoa do Senhor na esperança «do domingo que não tem ocaso», quando toda a humanidade entrar no descanso eterno (cf. Prefácio X para Domingos do Tempo Comum). Em cada domingo antecipamos o definitivo da Vida que nos atrai. Por isso gritamos de desejo e de esperança: «Vinde Senhor Jesus».

Trazemos, como oferenda eucarística, o tempo das nossas vidas, com toda a sua densidade, contradição e intensidade. As horas perdidas, o tempo gasto que pareceu inútil, os momentos impacientes. Oferecemos a nossa vida acelerada, sem tempo; o tempo que tarda em passar, os instantes de felicidade, os traços sentidos de inteireza, tão intensos e tão breves. Nenhum momento do nosso tempo, nenhum acontecimento fica fora da Páscoa de Cristo.

Vamos passar um tempo em conjunto (uma hora). Cada um(a) de nós vai viver o seu próprio tempo, com concentração ou distração. O ritmo da celebração vai ser apropriado de modo muito pessoal por cada um(a) de nós, conforme nos sentimos hoje. O nosso sentir presente condiciona a vivência da própria eucaristia. Procuremos sintonizar o nosso tempo subjetivo com o tempo que está a acontecer. A isso se chama atenção. Concentremo-nos. Façamos silêncio. Sintamos o ritmo da nossa respiração. Vamos entrar noutra tempo, o tempo sagrado da eucaristia.

A Assembleia como sujeito da eucaristia

Hoje valorizamos a Assembleia como primeira realidade visível na liturgia. Assembleia celebrante corporiza, dá corpo a Cristo: “Ele está no meio de nós”.

Em cada domingo os cristãos reúnem-se em Igreja, Assembleia de batizados, para a celebrar a Eucaristia. «Cristo torna-se presente na comunidade reunida, na palavra proclamada e no pão e no vinho, que a palavra de Cristo e a ação do Espírito convertem no seu Corpo e Sangue»[1].

[1] Dicionário Elementar de Liturgia –Aldazábal, J.

«Incorporados em Cristo pelo Batismo, os cristãos foram constituídos em Povo de Deus e por este motivo se tornaram a seu modo participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo»[2].

[2] Código do Direito Canónico -CDC 204, 1983.

«Na celebração da Missa, os fiéis constituem a nação santa, o povo resgatado, o sacerdócio real, para dar graças a Deus e oferecer a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele, e para aprenderem a oferecer-se a si mesmos[3]»

[3] Introdução Geral ao Missal Romano – IGMR 95

A participação da assembleia na liturgia é pedida de forma clara e muito insistente no documento *Sacrosantum Concilium*[4]:

[4] *Sacrosantum Concilium, Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia (1963).*

«plena e animada participação» (SC 14), «interna e externa» (SC 19), «plena, animada e comunitária» (SC 21), «consciente, animada e fácil participação dos fiéis» (SC 79).

A natureza comunitária da missa expressa-se “a uma só voz”, no diálogo com o celebrante, nas orações, nas aclamações e no canto. E também os gestos e as atitudes corporais conduzem a uma comunhão “num só coração e numa só alma.”

A eucaristia participada assim levará à vivência existencial do mistério de Deus na vida dos fiéis[5].

[5] Cf Dicionário Elementar de Liturgia –Aldazábal, J.

(a) Comunidade da Capela do Rato (Lisboa)

À ESCUTA neste Advento 2021- José António Pagola

Há gente que mais do que acreditar em Deus acredita em quem fala dele. Só conhecem a Deus "por ouvir dizer". Carecem de experiência pessoal. Podem assistir a celebrações religiosas, mas nunca abrem seus corações a Deus. Nunca param para perceber a Sua presença – de Deus - dentro de si.

É um fenómeno frequente: vivemos em torno de nós mesmos, mas fora de nós; trabalhamos e desfrutamos, amamos e sofremos, vivemos e envelhecemos, mas a nossa vida passa sem o mistério e sem o horizonte último.

Mesmo aqueles de nós que se dizem crentes muitas vezes não sabem como "estar diante de Deus". É difícil para nós reconhecermo-nos como seres frágeis, mas infinitamente amados por ele. Não sabemos admirar a sua grandeza insondável ou gostar de sua presença próxima. Não sabemos invocar ou elogiar.

Que pena ver como Deus é discutido em certos programas de televisão. Eles falam "por ouvir dizer". O que não se sabe é debatido. Os convidados exaltam-se ao falar do Papa, mas a ninguém se ouve falar, com um pouco de profundidade, daquele Mistério que nós crentes chamamos de "Deus".

Discussões sobre religião ou argumentos de outros são inúteis para descobrir Deus. Cada um deve fazer o seu caminho e viver a sua experiência. Não basta criticar a religião em todos os seus aspetos mais distorcidos. É necessário ir buscar pessoalmente a face de Deus. Caminhos abertos na nossa própria vida.

Se durante os anos que já vivemos, a religião foi vivida como um dever ou como um fardo, só esta experiência pessoal pode desbloquear o caminho para Deus: poder verificar, ainda que de forma germinativa e humilde, que é bom acreditar que Deus o faz. Nós vamos acreditar.

Este encontro com Deus nem sempre é fácil. O importante é pesquisar. Não feches as portas; não abandones nenhuma chamada. Continue a procurar, talvez com o último remanescente das nossas forças. Muitas vezes, a única coisa que podemos oferecer a Deus, é nosso desejo de encontrá-lo.

Deus não se esconde daqueles que o procuram e pedem por ele. Mais cedo ou mais tarde receberemos a sua "visita" inconfundível. Então tudo muda. Pensamos que estava longe e estava perto. Sentimo-l'O ameaçador, e ele é o nosso melhor amigo. Podemos dizer as mesmas palavras de Job: «Até agora falei de ti por ouvir dizer; agora, os meus olhos viram-Te».

Jose António Pagola

José António Pagola é sacerdote e tem dedicado a sua vida aos estudos bíblicos, nomeadamente à investigação sobre o Jesus histórico. Nascido em 1937, é licenciado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma (1962), licenciado em Sagradas Escrituras pelo Instituto Bíblico de Roma (1965), e diplomado em Ciências Bíblicas pela École Biblique de Jerusalém (1966). Professor no seminário de San Sebastián (Espanha) e na Faculdade de Teologia do Norte de Espanha (sede de Vítória), foi também reitor do seminário diocesano de San Sebastián e vicário-geral da diocese de San Sebastián.

II Domingo Advento

Podemos situar o tema deste domingo à volta da missão profética. Ela é um apelo à conversão, à renovação, no sentido de eliminar todos os obstáculos que impedem a chegada do Senhor ao nosso mundo e ao coração dos homens. Esta missão é uma exigência que é feita a todos os batizados, chamados – neste tempo em especial – a dar testemunho da salvação/libertação que Jesus Cristo veio trazer.

O Evangelho apresenta-nos o profeta João Baptista, que convida os homens a uma transformação total quanto à forma de pensar e de agir, quanto aos valores e às prioridades da vida. Para que Jesus possa caminhar ao encontro de cada homem e apresentar-lhe uma proposta de salvação, é necessário que os corações estejam livres e disponíveis para acolher a Boa Nova do Reino. É esta missão profética que Deus continua, hoje, a confiar-nos.

LEITURA I – II Domingo do Advento - Bar 5,1-9

O “livro de Baruc” é um texto de autor desconhecido, embora se apresente como tendo sido redigido por Baruc, “secretário” de Jeremias, durante o exílio na Babilónia (cf. Bar 1,1-2). No entanto, a crítica interna revela (pelos dados pessoais que não quadram com aquilo que conhecemos de Jeremias, bem como pelo desenvolvimento de ideias e de perspetivas que são claramente posteriores à época do exílio) que é impossível atribuir esta obra ao “secretário” de Jeremias. O mais provável é que seja um texto escrito durante o séc. II a.C. na diáspora judaica. O autor convida os habitantes de Jerusalém a celebrar uma liturgia penitencial e exorta-os à reconciliação com Jahwéh.

O texto que nos é proposto está inserido na 4ª parte do livro, integrado numa exortação e consolação a Jerusalém – muito ao estilo do Deutero-Isaías. Depois de convidar à confissão dos pecados (cf. Bar 1,15-3,8), o autor manifesta a certeza de que Israel, iluminado pela luz da sabedoria, voltará ao “temor de Deus” (cf. Bar 3,9-4,4). Seguir-se-á o perdão; por isso, o profeta convida Jerusalém a ter coragem (cf. Bar 4,5-37) e a alegrar-se com a atitude misericordiosa de Jahwéh, em favor do seu Povo pecador (cf. Bar 5,1-9). *in Dehonianos*

<p>Ler devagar. cuidar bem da dicção! Valorizar o negrito.</p>	<p>Jerusalém, / <u>deixa</u> a tua veste de luto e aflição / e reveste para sempre a beleza da glória que vem de Deus.//</p>
<p>Ler bem os <u>verbos</u>.</p>	<p><u>Cobre-te</u> com o manto da justiça que vem de Deus // e coloca sobre a cabeça o <i>diadema</i> da glória do Eterno.//</p>
<p>Lê-se <i>DI-A-DÉ-MA</i>.</p>	<p>Deus vai mostrar o teu esplendor / a toda a criatura que há debaixo do céu; // Deus te dará para sempre este nome: / «Paz da justiça e glória da piedade». //</p>
<p>Ler expressivamente o negrito. Valorizar o negrito.</p>	<p>Levanta-te, Jerusalém, / sobe ao alto e olha para o Oriente: // vê os teus filhos reunidos desde o Poente ao Nascente, / por ordem do Deus Santo, / felizes por Deus Se ter lembrado deles. ///</p>
<p>Ler em tom diferente o <u>sublinhado</u>.</p>	<p>Tinham-te deixado, <u>caminhando a pé, levados pelos inimigos</u>; // mas agora é Deus que os reconduz a ti, / trazidos em triunfo, como filhos de reis. // Deus decidiu abater todos os altos montes e as colinas seculares / e encher os vales, para se aplanar a terra, / a fim de que Israel possa caminhar em segurança, / na glória de Deus. //</p>
<p>Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.</p>	<p>Também os bosques e todas as árvores aromáticas / darão sombra a Israel, <i>por ordem de Deus,</i> / porque Deus conduzirá Israel na alegria, / à luz da sua glória, / com a misericórdia e a justiça que d'Ele procedem. ///</p>
<p>Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.</p>	<p>Palavra do Senhor</p>

LEITURA II – II Domingo Advento - Filip 1,4-6.8-11

A Carta aos Filipenses é, talvez, a mais afetuosa das cartas de Paulo. É dirigida a uma comunidade a que Paulo se afeiçoou, que ama Paulo, que o ajuda e que se preocupa com ele.

No momento em que escreve, Paulo está na prisão (em Éfeso?). Dos Filipenses, recebeu dinheiro e o envio de Epafrodito, um membro da comunidade, encarregado de ajudar Paulo em tudo o que fosse necessário. Enviando de volta Epafrodito, Paulo agradece, dá notícias, informa a comunidade sobre a sua própria sorte e exorta os Filipenses à fidelidade ao Evangelho.

O texto da segunda leitura faz parte da “ação de graças” com que Paulo inicia a carta: ele agradece a Deus a fidelidade dos Filipenses e o seu empenho na difusão do Evangelho. *in Dehonianos.*

Ler exortativamente o Irmãos , fazer pausa e seguir a leitura. Cuidar das pausas!	Irmãos: // Em todas as minhas orações, / peço sempre com alegria por todos vós, / recordando-me da parte que tomastes na causa do Evangelho, / desde o primeiro dia até ao presente. // Tenho plena confiança / de que Aquele que começou em vós tão boa obra / há de levá-la a bom termo até ao dia de Cristo Jesus. ///
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	Deus é testemunha / de que vos amo a todos no coração de Cristo Jesus. //
Valorizar o negrito – centro da leitura.	<i>Por isso</i> Lhe peço que a vossa caridade / cresça cada vez mais em ciência e discernimento, / para que possais distinguir o que é melhor / e vos torneis
Lê-se PLÉ-NI-TU-DE (acentuar a primeira sílaba).	puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, / na <u>plenitude</u> dos frutos de justiça / que se obtêm por Jesus Cristo, / para louvor e glória de Deus. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

III Domingo Advento – Domingo da Alegria - *Gaudette*

O tema deste 3º Domingo pode girar à volta da pergunta: “e nós, que devemos fazer?” Preparar o “caminho” por onde o Senhor vem significa questionar os nossos limites, o nosso egoísmo e comodismo e operar uma verdadeira transformação da nossa vida no sentido de Deus.

O Evangelho sugere três aspetos onde essa transformação é necessária: é preciso sair do nosso egoísmo e aprender a partilhar; é preciso quebrar os esquemas de exploração e de imoralidade e proceder com justiça; é preciso renunciar à violência e à prepotência e respeitar absolutamente a dignidade dos nossos irmãos. O Evangelho avisa-nos, ainda, que o cristão é “batizado no Espírito”, recebe de Deus vida nova e tem de viver de acordo com essa dinâmica.

LEITURA I – III Domingo do Advento - Sof 3,14-18a

O profeta Sofonias prega em Jerusalém, durante a primeira fase do reinado de Josias (séc. VII a.C.). Nas décadas anteriores, o rei ímpio Manassés abriu o país aos costumes dos povos vizinhos, erigiu altares aos deuses estrangeiros (chegando a colocar no templo de Jerusalém a imagem da deusa Astarte), dedicou-se à adivinhação e à magia e multiplicou as injustiças, sobretudo contra os mais pobres e mais débeis. Entretanto, subiu ao trono o rei Josias, que procurou alterar este estado de coisas e promover uma verdadeira reforma religiosa; mas, na época em que Sofonias exerce o seu ministério profético, os erros de Manassés ainda se fazem sentir. Neste contexto, Sofonias ataca a idolatria cultural, as injustiças, o materialismo, a despreocupação religiosa, os abusos da autoridade: todo este quadro configura uma situação de grave infidelidade à “aliança”; Deus não irá, diz o profeta, pactuar com esta situação.

No entanto, a intenção de Sofonias não é somente anunciar o castigo... A sua mensagem é, antes de mais, um apelo à conversão, primeiro passo para a salvação. O que o profeta pede ao seu Povo é que se volte de novo para Jahwéh, assuma as suas responsabilidades para com Deus e viva de acordo com os compromissos assumidos no âmbito da “aliança”. O texto que vamos ver, no entanto, está incluído nas “promessas de salvação”: aí, o profeta traça o quadro desse tempo novo de alegria e de felicidade, que há-de suceder-se à conversão de Judá. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Profecia de Sofonias ///
Toda a leitura em tom solene!	
Valorizar expressivamente o negrito . O <i>itálico</i> lido em tom de vocativo (Ó filha de Sião, Ó Israel)	Clama jubilosamente, filha de Sião; // solta brados de alegria, Israel. // Exulta, rejubila de todo o coração, filha de Jerusalém. //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	O Senhor revogou a sentença que te condenava, / afastou os teus inimigos. //
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.	O Senhor, <i>Rei de Israel</i> , está no meio de ti / e já não temerás nenhum mal. //
Enfatizar o <u>sublinhado</u> .	<i>Naquele dia</i> , dir-se-á a Jerusalém: // «Não temas, Sião, / não desfaleçam as tuas mãos. //
	O Senhor teu Deus está no meio de ti, / como poderoso salvador. //
	Por causa de ti, <u>Ele enche-Se de júbilo</u> , / renova-te com o seu amor, / exulta de alegria por tua causa, / como nos dias de festa». ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

LEITURA II – III Domingo do Advento - Filip 4,4-7

Paulo, na prisão, recebeu a ajuda fraterna dos Filipenses. Retribui com uma carta em que manifesta o seu afeto pela comunidade cristã de Filipos. Depois de agradecer a Deus pela sensibilidade dos Filipenses ao anúncio do Evangelho (cf. Flp 1,11), de informar a comunidade sobre a sua situação pessoal (cf. Flp 1,12-26), de dirigir exortações várias à comunidade (cf. Flp 1,27-2,18), de dar notícias sobre Timóteo e Epafrodito (cf. Flp 2,19-30) e de denunciar as acusações que lhe fazem os seus adversários (cf. Flp 3,1-21), **Paulo – consciente de que ainda nem tudo é perfeito nesta comunidade exemplar – apresenta um conjunto de recomendações diversas de carácter prático. Este texto contém algumas dessas recomendações.** *In Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses ///
Ler exortativamente o Irmãos . Valorizar o <u>sublinhado</u> : ideia-chave da leitura.	Irmãos: // <u>Alegrai-vos sempre no Senhor. //</u> Novamente vos digo: <u>alegrai-vos. //</u>
Ler o <i>itálico</i> em tom diferente (frase secundária)	Seja de todos conhecida a vossa bondade. // O Senhor está próximo. // Não vos inquieteis com coisa alguma; // mas em todas as circunstâncias, / apresentai os vossos pedidos diante de Deus, / com orações, súplicas e ações de graças. // E a paz de Deus, <i>que está acima de toda a inteligência,</i> / guardará os vossos corações e os vossos pensamentos / em Cristo Jesus. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

IMACULADA CONCEIÇÃO – 08.12.2021

LEITURA I – Gen 3,9-15.20

O relato jahwista de Gn 2,4b-3,24 sobre as origens da vida e do pecado (ao qual pertence o texto que hoje nos é proposto como primeira leitura) é, de acordo com a maioria dos comentadores, um texto do séc. X a.C., que deve ter aparecido em Judá na época do rei Salomão. Apresenta-se num estilo exuberante e vivo e parece ser obra de um catequista popular, que ensina recorrendo a imagens sugestivas, coloridas e fortes. Não podemos, de forma nenhuma, ver neste texto uma reportagem jornalística de acontecimentos passados na aurora da humanidade. A finalidade do autor não é científica ou histórica, mas teológica: mais do que ensinar como o mundo e o homem apareceram, ele quer dizer-nos que na origem da vida e do homem está Jahwéh e que na origem do mal e do pecado estão as opções erradas do homem. Trata-se, portanto, de uma página de catequese.

Esta longa reflexão sobre as origens da vida e do mal que desfeia o mundo está estruturada num esquema tripartido, com duas situações claramente opostas e uma realidade central que aparece como charneira e ao redor da qual giram a primeira e a terceira parte... Na primeira parte (cf. Gn 2,4b-25), o autor descreve a criação do paraíso e do homem; apresenta a criação de Deus como um espaço ideal de felicidade, onde tudo é bom e o homem vive em comunhão total com o criador e com as outras criaturas. Na segunda parte (cf. Gn 3,1-7), o autor descreve o pecado do homem e da mulher; mostra como as opções erradas do homem introduziram na comunhão do homem com Deus e com o resto da criação fatores de desequilíbrio e de morte. Na terceira parte (cf. Gn 3,8-24), o autor apresenta o homem e a mulher confrontados com o resultado das suas opções erradas e as consequências que daí advieram, quer para o homem, quer para o resto da criação.

Na perspetiva do catequista jahwista, Deus criou o homem para a felicidade... Então, pergunta ele, como é que hoje conhecemos o egoísmo, a injustiça, a violência que desfeiam o mundo? A resposta é: algures na história humana, o homem que Deus criou livre e feliz fez escolhas erradas e introduziu na criação boa de Deus dinamismos de sofrimento e de morte.

O nosso texto pertence à terceira parte do tríptico. Os personagens intervenientes são Deus (que “passeia no jardim à brisa do dia” – vers. 8a), Adão e Eva (que se esconderam de Deus por entre o arvoredo do jardim – vers. 8b).

LEITURA II – Ef 1,3-6.11-12

A cidade de Éfeso, capital da Província romana da Ásia, estava situada na costa ocidental da Ásia Menor. O seu importante porto e a sua numerosa população faziam dela uma cidade florescente. Paulo passou em Éfeso na sua segunda viagem missionária (cf. Act 18,19-21) e, durante a sua terceira viagem missionária, fez de Éfeso o quartel-general, a partir do qual evangelizou toda a zona ocidental da Ásia Menor.

A nossa Carta aos Efésios é, provavelmente, um dos exemplares de uma “carta circular” enviada a várias igrejas da Ásia Menor, numa altura em que Paulo está na prisão (em Roma?). O seu portador é um tal Tíquico. Estamos por volta dos anos 58/60.

Alguns veem nesta carta uma espécie de síntese da teologia paulina, numa altura em que a missão do apóstolo está praticamente terminada no oriente. O tema mais importante da Carta aos Efésios é aquilo que o autor chama “o mistério”: trata-se do projeto salvador de Deus, definido e elaborado desde sempre, escondido durante séculos, revelado e concretizado plenamente em Jesus, comunicado aos apóstolos e, nos “últimos tempos”, tornado presente no mundo pela Igreja.

O texto que nos é hoje proposto aparece no início da carta. É parte de um hino litúrgico que deve ter circulado nas comunidades cristãs antes de ser enxertado aqui por Paulo. Este hino dá graças pela ação do Pai (cf. Ef 1,3-6), do Filho (cf. Ef 1,7-12) e do Espírito Santo (cf. Ef 1,13-14), no sentido de oferecer aos homens a salvação.

Para ficarmos esclarecidos:

*No primeiro livro da Bíblia – o Génesis – temos duas catequeses sobre a criação. A mais antiga apareceu, muito provavelmente, no séc. X a.C., e é conhecida como o **“relato jahwista sobre as origens”**. Podemos encontrar esse texto em Gn 2,4b-25. Este relato apresenta-se num estilo exuberante, colorido, pitoresco e é, muito provavelmente, obra de um catequista popular que ensina recorrendo a imagens muito sugestivas e fortes. Fundamentalmente, ensina que Deus criou um mundo bom e bonito para o oferecer ao homem a fim de que o homem pudesse ser feliz. O homem e a mulher são iguais, feitos da mesma “carne”. Eles são o centro de toda a criação e é à volta deles que tudo se articula e ordena – as árvores “agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer”, os rios que asseguram a vida e a fertilidade, “os animais dos campos e todas as aves do céu”.*

*A outra catequese (cf. Gn 1,1-2,4a) é bem mais recente. É conhecida como **“relato sacerdotal das origens”**. Composta, muito provavelmente, na Babilónia, quando os habitantes de Judá estiveram exilados nessa terra estrangeira e lidavam, todos os dias, com as liturgias babilónicas que celebravam e exaltavam a ação dos deuses locais no processo criador, pretende afirmar a fé de Israel, contrapondo aos mitos de origem dos babilónios a fé num Deus único, autor do mundo e da vida. Recorrendo à linguagem poética, os “catequistas da “escola sacerdotal” ensinam que foi Deus quem fez aparecer o céu, a lua, as estrelas, os mares, a terra firme, as plantas, os animais e, por fim, o homem e a mulher, como corolário de toda a criação. Toda a criação de Deus é “muito boa”: além de bela e útil, nela não existiam tensões nem conflitos a quebrar a harmonia do plano de Deus. A criação foi confiada por Deus à responsabilidade do homem e da mulher para que eles pudessem, pelo tempo fora, continuar o processo criador, como “cúmplices” de Deus na obra criadora.*